



**José Milhazes.** *Angola: o princípio do fim da União Soviética*. Lisbon: Vega, 2009. 194 pp. ISBN 978-972-699-928-7.

**Reviewed by** Maciel Santos (Centro de Estudos Africanos, Universidade do Porto)

**Published on** H-Luso-Africa (March, 2011)

**Commissioned by** Philip J. Havik (Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT))

## Relations between the Soviet Union and Angola

O tÃtulo deste livro—talvez um factor para que logo em 2009 esta obra tivesse duas ediÃ§Ãµes—Ã© representativo da impressÃ£o ambivalente que a sua leitura deixa. Na verdade, pouco se demonstra sobre a ligaÃ§Ã£o entre o envolvimento soviÃ©tico em Angola e o âprincÃpio do fim da URSS. Entre 1976-89, a UniÃ£o SoviÃ©tica terÃ¡ fornecido a Angola (e nada prova que gratuitamente) equipamentos militares no valor de 3,7 mil milhÃµes de rublos , isto Ã©, um pouco mais de 6 biliÃµes de US dÃ³lares (p. 171); a transformaÃ§Ã£o da URSS em FederaÃ§Ã£o Russa acompanhou, como se sabe, um âencolhimento do PIB soviÃ©tico da ordem dos 2% em 1990 e de 17% em 1991 ! A escala desigual destes fenÃ³menos desfaz certamente qualquer nexo causal entre eles, mesmo admitindo a hipÃ³tese (falsa) de os referidos fornecimentos militares nÃ£o representarem, na sua maioria, simples exportaÃ§Ãµes comerciais.

NÃ£o Ã© apenas pelo desajustamento do tÃtulo com os conteÃºdos do livro que o trabalho de Milhazes se aproxima mais do jornalismo que do trabalho acadÃ©mico. Abstraindo de importantes detalhes tÃ©cnicos como os de nÃ£o haver bibliografia final ou de as fontes russas serem citadas com os seus tÃtulos traduzidos, verifica-se que a estrutura do livro Ã© igualmente pouco sistemÃ¡tica. Os seus sete capÃtulos seguem uma ordem cronolÃ³gica mas arrumam a informaÃ§Ã£o, tanto de capÃtulo a capÃtulo como no interior de cada um, quase exclusivamente Ã© deriva das fontes arroladas. Assim, por exemplo, o capÃtulo II junta

as memÃ³rias de dirigentes soviÃ©ticos sobre os encontros de 1961 (com duas delegaÃ§Ãµes do MPLA, a de MÃ¡rio de Andrade e Viriato da Cruz e depois a de Agostinho Neto), a visita de AmÃ¡lcar Cabral, tambÃ©m desse mesmo ano, uma curta biografia de Eduardo dos Santos (como exemplo de apoio Ã¡ formaÃ§Ã£o de quadros), episÃ³dios das dificuldades logÃ¡sticas no apoio ao MPLA em 1967, testemunhos de um jornalista soviÃ©tico entrado em Angola durante o ano de 1970, os relatÃ³rio Kulikov e Ulianovski (anos 1973-74) sobre o MPLA, e uma igualmente interessante descriÃ§Ã£o da actividade do campo de treinos da Crimeia (Perevalnoe) onde, entre 1965-90, cerca de 18 mil combatentes africanos e asiÃ¡ticos receberam formaÃ§Ã£o !

E no entanto, a leitura da obra de Milhazes vale bem as duas ediÃ§Ãµes que o livre jÃ¡ teve. Representa seguramente a primeira-e atÃ© agora Ãºnica-investigaÃ§Ã£o sobre fontes em lÃngua russa (soviÃ©ticas e pÃ³s-soviÃ©ticas) relativas Ã s guerras de Angola (1961-2002). O prefÃ¢cio, a cargo do historiador angolano Carlos Pacheco, salienta que *o autor ... conseguiu atÃ© certo ponto penetrar no mundo desaparecido da documentaÃ§Ã£o fechada dos arquivos russos; entrevistou veteranos de guerra que estiveram em Angola; entrevistou personalidades dos altos escalÃµes da polÃtica soviÃ©tica, joeiou a imprensa periÃ³dica do paÃs e mergulhou na leitura de memÃ³rias e biografias que falam da presenÃ§a soviÃ©tica em Ãfrica* (p. 10). Embora isto se assemelhe talvez mais ao programa de trabalhos a que J. Milhazes as-

pirava mais do que aos resultados obtidos (que, de outro modo, não se condensariam num volume com apenas 160 p. de texto corrido), a importância de algumas destas informações acrescenta realmente conhecimento à história recente de Angola.

Convém começar pela conclusão principal a que se chega, expressa várias vezes nos capítulos mais adiante nacionais (II a V): no conflito angolano, a URSS teria sido mais conduzida pelos acontecimentos do que executora de uma política planeada.

Milhazes contextualiza esta tese fazendo uma retrospectiva—igualmente interessante e nova para leitores portugueses—da (quase inexistente) política da III Internacional para a África colonial, de 1919 até ao final da II Guerra Mundial. Apesar desta tradição, não deixa de ser inesperado o episódio de 1963 em que o governo soviético, por ordem directa de Krutchov, se preparava para reconhecer o Governo no exílio de Holden Roberto, estando precisamente Agostinho Neto de visita a Moscovo (pp. 33-36)! Neto seria salvo pela intervenção de Álvaro Cunhal embora episódios posteriores viessem confirmar que, longe de se tratar de uma *gaffe* circunscrita a 1963, as ligações entre a URSS e o MPLA seriam quase sempre mais fracas do que se pensa, a ponto de o interesse soviético pela FNLA e mais tarde pela UNITA se tornarem... intermitentes, antes e depois de 1974! Milhazes cita Karen Brutenz do Sector África do Comitê Central: *“O nosso apoio ao MPLA era ditado tanto, comofrequentemente se pensa, por considerações ideológicas, como por pragmáticas”* (p. 35). Demonstrações evidentes desta orientação são os relatórios ao Comitê Central dos militares Kulikov (Dezembro de 1973) e Ulianovski (Janeiro de 1974), desacreditando a direção de Neto pela sua incapacidade militar e divisionismo político, chegando Kulikov a propor conversações com Mobutu e a FNLA para acções conjuntas (p. 44). Esta descrição confirma o que se sabe a partir de outros estudos: comparando para o ano de 1973 o valor do apoio soviético ao MPLA, isto é, ao movimento nacionalista que nas colônias portuguesas Moscovo considerava apesar de tudo prioritário (220 mil dólares, p. 55), com o do governo sueco, verifica-se que este dava ao movimento de Neto praticamente o mesmo (cerca de 209.000 dólares), sendo que os suecos, ao contrário dos soviéticos, apoiavam muito mais o movimento guineense PAIGC (3,3 milhões de dólares) e o moçambicano FRELIMO (750 mil dólares).[1]

Independentemente da maior ou menor *surpresa* so-

viética pelo movimento de 25 de Abril de 1974 em Portugal e dos motivos para o seu envolvimento em Angola e na Etiópia durante os anos seguintes—pontos para os quais o autor trabalhou a fazer nos arquivos soviéticos espera recompensas—as fontes citadas por Milhazes apontam para a continuação da passividade soviética na política angolana depois de 1974. A sua manifestação mais evidente, e que também vem confirmar outras pesquisas,[2] parece ser a de que a intervenção cubana em Angola se fez a pedido directo do MPLA e sem qualquer mediação ou autorização soviética. À pelo menos o que cinco importantes testemunhos soviéticos (Adamichin, ex-vice ministro dos NE; Brutenz, do Sector África do CC; Dobrinin, embaixador nos EUA; Kolomin, do Conselho da União da Rússia dos Veteranos de Guerra de Angola; Neguin, agente soviético) citados por Milhazes declaram explicitamente (pp.67-72).

Tendo a operação Carlota (designada dada à missão militar cubana enviada a partir de Novembro de 1975) tido sucesso, poderia pensar-se que qualquer divergência soviético-cubana (entrada de operacionais em Angola—sim ou não antes da independência oficial?, efeito sobre as negociações SALT, etc.) não deixaria resíduos nas relações soviético-angolanas. Afinal, foi com material soviético—avaliado para o período 1976-81 em 618 milhões de dólares que o MPLA ganharia a primeira fase da guerra civil. Porém, o capítulo III de Milhazes mostra que o pior estava para vir. Em Maio de 1977 a antiga desconfiança de Moscovo a respeito do *titismo* de Neto teve novos desenvolvimentos na sequência do movimento de Nito Alves. Neste ponto, Milhazes limita-se a citar fontes oficiais e historiadores oficiosos mas com uma notável exceção: o testemunho directo de Brutenz sobre a interpelação não protocolar de Neto a Brejnev. Vale a pena citar o que Neto terá dito a meio da cerimónia—*“Eu vim aqui porque ocorreu uma coisa: um levantamento, e gostaria de saber pessoalmente de Você se Moscovo participou no conluio contra mim ou não. Porque, segundo me informaram, muitos dos vossos homens estiveram envolvidos—assim como o que se seguiu, isto é, Brejnev segura perante si um texto previamente preparado e começo a ler: ‘A situação no nosso país é boa, as previsões sobre as colheitas são fantásticas’* (p. 98). Não é de crer que, depois deste episódio, o clima de suspeição manteve-se entre os aliados. Como se sabe, tanto a morte de Neto num hospital de Moscovo (que Milhazes aproveita para fazer uma digressão sobre o papel das clínicas soviéticas na diplomacia de Moscovo, incluindo os casos

Frunze, Dimitrov e Cunhal) como os episódios do seu funeral se prestaram a variadas especulações (pp. 99-104).

Com os cubanos, há indicadores de que durante a década de 1980 as divergências políticas continuaram a produzir efeitos sobre a coordenação militar. O capítulo IV, assente quase exclusivamente em memórias de ex-combatentes de várias patentes, registava queixas sobre a fraca participação dos cubanos em combate, (*Tanto mais que os nossos conselheiros militares, que agiam a todos os níveis ... eram obrigados a combater juntamente com os seus subordinados*, diz o general Varennikov, pp. 115-116) e informa sobre a crise político-militar de 1984 quando, perante o avanço da UNITA/Afárica do Sul, Castro decidiu fazer recuar as linhas cubanas até Benguela (pp. 116-120).

O capítulo V contem seguramente os testemunhos de maior interesse político imediato. Nele, Milhazes descreve as reacções soviéticas ao realinhamento estratégico que os países da linha da frente realizaram a partir de 1984, com Angola a tentar anormalizar as suas relações com a África do Sul e os Estados Unidos. Alguns pontos altos:

- o registo da conversa (de Novembro de 1987 entre Mário Soares e Gorbatchov (na qual Soares discorda das acusações que Gorbatchov faz às pressões americanas sobre Luanda dizendo: *Não estou de acordo com isso. Se a empresa americana Gulf Oil não extraísse petróleo em Angola.... Angolanada teria para pagar até a presença de 38 mil cubanos.* (pp.139-141).[3] (Se mais novidades não houvesse na entrevista, bastaria este detalhe do número exato de cubanos, dado por Soares, não ter sido contestado por Gorbatchov);

à revelação sensacional do embaixador Kazimirov (no mesmo ano do acordo de Nova Iorque, que protocolizou a retirada cubana e sul-africana!) de que a diplomacia soviética considerava apostar em Jonas Savimbi, o qual se encontrou então com o ministro Chevardnaze (pp.141-142).

- o registo da conversa entre José Eduardo dos Santos e Gorbatchov (Outubro de 1988) na qual o presidente angolano informou sobre as negociações com a UNITA a decorrer em Marrocos (um plano que, a ter-se realizado, representaria o primeiro ensaio da UNITA renovada), acrescentando haver, na sequência da tal reorganização da UNITA, um mini-plano Marshall para Angola no qual o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal estaria particularmente activo (pp.

143-145: o ministro era Deus Pinheiro e o secretário de estado para a Cooperação era Durão Barroso). De novo se regista a passividade soviética, que vai reagindo com surpresa e indignação, por vezes às iniciativas do seu aliado.

- a notícia de que militares russos desempregados após 1991 se teriam oferecido individualmente ao governo de Luanda e à UNITA (embora aqui Milhazes não revele as suas fontes, p. 148) O autor não esclarece se passou a haver soviéticos a trabalhar com a UNITA na segunda fase da guerra civil angolana.

Os dois capítulos finais continuam a obra demolidora de expor as opiniões soviéticas sobre instituições e personalidades angolanas (políticas e militares), desde os funcionários do Ministério de Segurança Nacional às propostas aeronáuticas do general Mâbeto Trajása.

Conclusões? Milhazes não as extrai formalmente, embora no seu capítulo VII faça um balanço das remessas e perdas soviéticas nestas aventuras angolanas. Os números são verdadeiramente aterradores: para além do material militar, entre 1975-91 teriam passado por Angola cerca de 11 mil militares, incluindo 107 generais e almirantes, entre os quais terão havido no mínimo 2.454 baixas (pp. 173-175)! Mesmo pertencendo a fontes diferentes, são números que fazem, esses sim, associar Angola a maus presságios para o futuro da URSS.

Este inquérito termina assim de modo muito positivista - sem conclusões e com um anexo documental (já agora, porque são dois documentos e, para mais, de fontes oficiais quando o livro tem tantas iguarias históriográficas?). Mas é inevitável que um ponto ressalte deste extraordinário conjunto de revelações, umas mais outras menos fiáveis: que a guerra civil angolana foi essencialmente conduzida e ganha por uma aliança Sul-Sul. Em 1975, MPLA e cubanos terão agido de *motu proprio*, ignorando e aproveitando o auxílio que a URSS por arrastamento lhes enviou; em seguida (de 1984 a 1991, o governo de Angola despediu cubanos e soviéticos sem aviso prévio.

Resta; talvez dizer que, apesar de tudo, o primeiro ministro português tivera razão na referida conversa de 1987: os Estados Unidos (ao Ocidente dizia Gorbatchov, à Gulf Oil dizia Soares) não estavam a sufocar Angola.

Notes

- [1]. Tor Sellstrom, *A Suécia e as lutas de liberação nacional em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau* (Uppsala: Nordiska AfrikaInstitutet, 2008), 280.
- [2]. Nomeadamente a de Piero Gleijeses, que trabalhou directamente com documentação cubana. Veja-se, em português, Piero Gleijeses, *Política cubana em Angola, 1975-76*, *Encontros de divulgação e Debate em* *Estudos Sociais* 6 (2002): 65-87.
- [3]. Milhazes colocou a entrevista (não integralmente, ao que parece) no seu site Da Rússia: [http://darussia.blogspot.com/2006/08/contributos-para-história-de-portugal\\_31.html](http://darussia.blogspot.com/2006/08/contributos-para-história-de-portugal_31.html).

If there is additional discussion of this review, you may access it through the network, at:

<https://networks.h-net.org/h-luso-africa>

**Citation:** Maciel Santos. Review of Milhazes, José, *Angola: o princípio do fim da União Soviética*. H-Luso-Africa, H-Net Reviews. March, 2011.

**URL:** <http://www.h-net.org/reviews/showrev.php?id=32630>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 3.0 United States License.